

O ENSINO ELEMENTAR DA AGRICULTURA

Prof. OCTAVIO DOMINQUES
Catedrático de Zootecnia da
E. S. A. "L. Q."

O ensino da agricultura pode ser dividido em tres fases : o elementar, o medio e o superior ou agronomico, propriamente.

O ensino elementar destina-se á educação dos filhos dos lavradores. O medio tem como finalidade a formação de administradores rurais, ou sejam guias teorico-praticos para as lavouras e fazendas de criar. O superior, enfim, formará os profissionais teoricos da agricultura, isto é, os agronomos.

Os filhos dos lavradores devem ser alfabetizados ?

Esta é uma pergunta que parece não ter cabimento, pois que o grito do dia é alfabetizar.

Haverá mesmo vantagem, para um lavrador, no Brasil, que seu filho aprenda a lêr ? E' permitido duvidar. Porque o que se observa comumente, entre nós, é antes um prejuizo, com isso.

Sinão, vejamos. O que acontece com um rapaz que aprendeu a ler, escrever e contar, no interior ? Sua primeira ideia é sair dali. E' vir para o litoral, para a cidade, onde esses seus conhecimentos ser-lhe-ão mais proveitosos.

Na verdade, de que serve saber lêr, escrever e contar, apenas, para melhorar os metodos de cultura ou de criação ? Muito pouco, ou quasi nada. Não é lendo, nem escrevendo, nem contando que esse rapaz modificará os habitos rotineiros de seus maiores, nem os que por ventura haja aprendido com eles.

Demais um alfabetizado, no nosso meio rural, é quasi um doutor, e facilmente convencer-se-á de que seus conhecimentos se acham mal aplicados, mal aproveitados, pois que a seu lado ele vê inumeros analfabetos trabalhando a terra como ele, com as mesmas esperanças de exito, com as mesmas vantagens.

E então lhe surge o desejo de emigrar, de procurar na cidade o ambiente que lhe falta.

Realmente a escola alfabetizadora fez dele um desambientado.

E um desambientado porque na escola não lhe ensinaram mais do que lêr, escrever, contar, e ainda lhe acenaram com uma vida melhor, mais comoda, mais atraente fora dali, na cidade.

Mas então não se deve ensinar a ler, ao homem rural? Ele prescinde, disso, por acaso? Deve ele continuar analfabeto? E até quando?

Sim, ele não precisa aprender a lêr, ele não precisa alfabetizar-se *apenas*. Precisa de mais alguma coisa do que isso. Ou melhor, o de que carece ele não é do alfabeto. O que lhe falta é *aprender a fazer melhor o que seus antepassados fizeram*. E isso ele não aprende alfabetizando-se. O inverso é que é o certo: aprendendo a fazer melhor o que seus antepassados fizeram, ele aprenderá a ler, a contar, a escrever.

Sim, porque o fim da escola não é esse: alfabetizar.

O fim da escola é ambientar o individuo. E vimos que a alfabetização tem efeitos justamente contrarios: desambienta o alfabetizando.

E para que a escola do filho do lavrador realize seu ideal, deve ela ambientar a criança educando-a para a vida que deve viver e que vai viver: a vida rural.

A criança rural tem então de aprender a compreender a natureza que a cerca, tem de aprender a arte de que vivem seus pais, mas essa aprendizagem ha que ser feita no sentido de um aperfeiçoamento, num sentido melhorante, pois só assim haverá esperança de modificação nos habitos agricolas.

Quer dizer, a escola deve ser o ambiente onde a criança se ponha em contacto com a natureza, com os elementos de sua futura profissão, afim de que bem os conheça e possa tirar melhor partido deles do que tiraram seus antepassados. Para isso a escola deve ensinar a criança a viver no campo, aproveitando as forças naturais que tem á mão, para transforma-los em riqueza.

Em vez de aprender a ler apenas, ele deve é aprender a viver no seu meio, educando as suas inclinações, ganhando oportunidade para aperfeiçoar sua atividade de futuro lavrador.

Chegamos assim á conclusão de que, na escola, em vez dele ficar numa posição extatica e passiva de mero ouvinte ou fixador de regras teoricas, terá 'ao contrario que tomar uma attitude ativa, de um pequeno trabalhador já em contacto com a vida e os problemas da vida que deverá viver.

Ha, como se vê, uma verdadeira concordancia entre essa conclusão a que chegamos e os dois grandes principios dominantes na pedagogia de hoje. Principios que podemos resumir assim, com Fernando Sainz:

"1 — necessidade de estabelecer uma intima relação entre a criança e seu meio habitual, buscando um bem-estar maior para o primeiro e um progresso para o segundo;

"2 — conveniencia de que o educando aprenda pondo em jogo suas proprias atividades, que terão um sentido tanto mais educador quanto melhor reproduzam situações reais da vida" (1).

E' o que encontramos, dito por outras palavras, no livro de Michel Crimi (2): "Dois criterios estão se firmando nos ultimos cincoenta anos, quanto á educação: o primeiro consiste em crer que a escola deve cuidar do desenvolvimento de *toda a personalidade da criança*; o segundo crê que os motivos fundamentais da atividade infantil devem ser inspirados, nos seus primeiros momentos *por meio da vida já familiar á criança*, do mesmo modo que os balbucios dela são expressos no dialeto e não na lingua nacional".

Desta sorte, como diz Crimi, "ha que educar-se integralmente a personalidade da criança, e cada escola deve comportar-se como um minuscuro laboratorio no qual as lições orais dadas pelo mestre e os exercicios escritos feitos pelo aluno têm que harmonizar-se cotidianamente com os exercicios praticos na officina e no campo. Estes exercicios na escola elementar não podem tomar como motivo sinão o ambiente mesmo do educando, e, portanto, a escola que acolhe os filhos dos agricultores deve referir-se preferentemente á atividade agricola" (3).

O ensino elementar da agricultura tem de começar, logicamente, na escola rural. Escola que tem justamente de receber meninos do campo, filhos de lavradores, nascidos e criados num ambiente rural.

Essa escola, para estar em harmonia com seu fim, tem de ser *ativa* em seu metodo de ensino, ou então fugirá ao seu mister, desviando-se para aquele velho tipo de escola, onde se deveria apenas ensinar a ler, escrever e contar . . .

(1) "El metodo de projectos en las escuelas rurales" — Madrid, 1931, pag. 7.

(2) "Los campos escolares" trad. do italiano. — Madrid, 1932. pag. 15 e 16.

(3) Op. Cit. pg. 19.